

## Contribuições do Coral da Universidade Federal do Ceará à prática de ensino de música na EMEF Mozart Pinto

*José da Silva Neto Domingos  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)  
domingosmusica@hotmail.com*

*Ewelter de Siqueira e Rocha  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)  
ewelter2@yahoo.com.br*

**Resumo:** Este trabalho apresenta um relato de experiência das formas de incorporação das vivências musicais experienciadas no Coral da UFC nas aulas de musicalização infantil da Escola Municipal Mozart Pinto. De cunho descritiva qualitativa, a investigação se deu no processo de construção do espetáculo “Gula” pelo coro e na prática de ensino de música para crianças. Assim, objetivamos averiguar as contribuições das experiências artísticas do coro para musicalização infantil. Propostas de musicalização criativas que privilegiam o ensino de música (vocal e instrumental) foram vivenciadas e aplicadas nas aulas, tendo como base os saberes e fazeres concebidos/desenvolvidos a partir da experiência no coro.

**Palavras chave:** Coro cênico-musical, Educação musical, Musicalização infantil.

### Introdução

Desde 1981, o Coral da UFC trabalha em uma perspectiva de coro cênico-musical. Izaíra Silvino, como regente do coro, fez soar a música brasileira e as canções do folclore hispano-americano (EYMESS, 2016, p.39). A corporeidade tão presente nas músicas fez com que Izaíra buscasse uma aproximação com outras linguagens artísticas com o intuito de mudar a postura cênica, as atitudes vocais e corporais dos cantores. Com isso resultou em uma nova configuração do coro, tanto nas apresentações que se configuravam enquanto cênicas-musicais e no seu processo de construção, bem como na proposta de formação musical para futuros regentes de coro ou professores de música.

Essa nova configuração se consolidou e se perpetuou no grupo, e outros regentes, como Erwin Schrader e Elvis Matos<sup>1</sup> deram continuidade ao trabalho cênico-musical. E desta

---

<sup>1</sup> Erwin Schrader e Elvis Matos fizeram parte do movimento coral na Universidade Federal do Ceará na época em que a professora Izaíra Silvino regia. Elvis Matos cantou no Coral da UFC nos anos de 1984 a 1990, e Erwin cantou na década de 1990 no Coral da FACED (Faculdade de Educação), regido e fundado por Izaíra Silvino (EYMESS, 2016, p.49). Atualmente, Elvis Matos atua como regente do coro e Erwin Schrader atua também na regência, bem como na preparação vocal e direção artística.

forma, o coro protagonizou, no cenário artístico de Fortaleza-Ce, a proliferação da música vocal, intensificando o processo de formação musical e humana dos seus integrantes.

Atualmente vinculado à Secretaria de Cultura Artística da UFC e ao Curso de Música – Licenciatura do Instituto de Cultura e Arte/UFC, o Coral da UFC se consolida como espaço de formação e pesquisa, principalmente para estudantes de música, mas também de outras “artes”, como dança, cinema e design de moda. Mesmo sendo vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC), o coro, na formação mais recente, agrega pessoas da comunidade, como também estudantes de áreas diversas, inclusive de outras universidades.

Em 2014, o coro iniciou o processo de criação do espetáculo “Gula”, orientado pelo *princípio de construção coletiva*<sup>2</sup>. Em uma perspectiva pedagógica interdisciplinar que converge em uma confluência das artes, o espetáculo foi composto de música (canto e instrumento), teatro, dança, arte circense e arte visual.

Valendo-se dessa experiência interdisciplinar vivenciada a partir do processo de construção coletiva do espetáculo no Coral da UFC, desenvolvemos propostas pedagógicas musicais para as aulas de musicalização na Escola Municipal de Ensino Fundamental Mozart Pinto, em que atuamos como professor bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).

Este artigo foi construído tendo como base a pesquisa-ação durante o período letivo de 2015, em que buscamos como integrantes do coro implementar as experiências musicais do processo de construção do espetáculo “Gula” na musicalização infantil da Escola Mozart Pinto. Deste modo, este relato de experiência objetiva averiguar as contribuições da experiência artística vivenciada no Coral da UFC para aulas de musicalização, assim como apresentar as impressões do processo de construção do espetáculo “Gula” e evidenciar as apropriações do material artístico e pedagógico para a prática de ensino de música.

Para tanto, passamos a relatar, o processo de construção do espetáculo “Gula”, a partir das experiências artísticas vivenciadas. Na sequência, descreveremos a proposta de musicalização da Escola Mozart Pinto. E por fim, abordaremos o processo de desenvolvimento

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada pela autora Eymess (2016) para designar o princípio que norteou a construção coletiva do espetáculo “Abraços”, do Coral da UFC de 2008-2010. A partir deste princípio, cada integrante, além de cantar, colabora com o processo de construção do espetáculo no que diz respeito à escolha do fio condutor cênico-musical do espetáculo, igualmente na preparação corporal e vocal, arranjos, figurinos, adereços e maquiagens. Este princípio, a partir do que foi observado e vivenciado no coro, também norteou a estruturação do espetáculo “Gula” (2014-2015).

de ferramentas pedagógicas voltadas para a musicalização infantil, baseadas na experiência proporcionada pelo coro da UFC.

## O espetáculo “Gula”

O espetáculo “Gula” apresenta um repertório de músicas brasileiras que tratam sobre a culinária brasileira. A escolha do repertório se deu durante o processo de construção do espetáculo e privilegiou os ritmos musicais brasileiros. As músicas que compõem o espetáculo não tratam apenas do sabor ou dissabor que a comida brasileira possui, mas do prazer e desprazer dos relacionamentos amorosos.

Em ritmo de festa, o espetáculo é embalado pelos ritmos do samba e do baião, que são representados por um homem e uma mulher e suas respectivas famílias. A trama que se desenvolve no espetáculo cênico-musical se concentra na união amorosa deste casal, e na possível união destes ritmos.

Mesmo que o espetáculo tenha como fio condutor os ritmos do samba e do baião, outros ritmos também fizeram parte do repertório, como xote, forró, xaxado, tecnobrega, sertanejo, samba canção, bossa nova, maracatu, vanerão e ijexá.

FIGURA 1 – Espetáculo “Gula”



Fonte: Luiz Alves

Na construção do espetáculo, aulas de percussão foram integradas aos ensaios do coro para a apresentação de uma *batucada*. Painéis, tampas, raladores e colheres de madeira, que além de integrarem o cenário do espetáculo, foram também utilizados como instrumentos de percussão.

Além do alongamento corporal na *aula de corpo*, atividade assim denominada pelo grupo, oficinas de palhaçaria ministradas por uma profissional da área foram inclusas. O riso, o ridículo, o brincar, o jogar, o fantasiar, a caricatura, foram explorados nas aulas de palhaçaria. Cada cantor pode conhecer suas possibilidades corporais expressivas, e contribuir com suas características individuais de expressividade na construção do espetáculo. E através desta *graça*, o espetáculo “Gula” se construiu, proposta em que o amor e desamor, o sabor e dessabor, a festa e a não festa se enlaçam nas músicas e cenas da performance.

O Coral da UFC, a partir da proposta formativa, possibilitou aos participantes experimentarem a condução do trabalho musical, seja na preparação vocal, na regência<sup>3</sup> do coro nos ensaios, no ensino do repertório musical do espetáculo, além de participarem na produção dos arranjos das músicas. Esta prática se perpetuou no Coral da UFC com a produção de espetáculos cênicos-musicais. A autora Eymess (2016) ao fazer uma etnografia do espetáculo “Abraços” declara:

A proposta formativa do Coral da UFC também permite, de uma maneira geral, que os integrantes que possuem uma formação prévia (ou em andamento) em música, teatro ou áreas afins, possam pontualmente assumir a condução do aquecimento vocal e corporal, da regência de algumas peças durante os ensaios, ou então conduzir o trabalho dos ensaios cênicos-corporais (EYMESS, 2016, p. 49).

Esta proposta, que orienta a prática músico-vocal desde a época em que a professora Izaíra Silvino regia (1981-1989), consagrou o coro como espaço de formação musical e humana. E, nos servindo dessa experiência formativa enquanto membros do coro, relatamos os saberes e fazeres musicais que foram incorporados na prática de musicalização infantil na Escola Mozart Pinto.

## **Musicalização na EMEF Mozart Pinto**

---

<sup>3</sup> A partir da proposta formativa do coro, alguns coristas mais experientes tiveram a oportunidade de conduzir os ensaios, contribuindo à aprendizagem do repertório e regência das músicas.

Na Escola Municipal de ensino fundamental Mozart Pinto, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Estadual do Ceará, um grupo de oito bolsistas estudantes de licenciatura em música ministra aulas, desde 2014, de musicalização infantil quinzenalmente para turmas do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, acolhendo crianças entre seis e oito anos de idade.

As aulas de musicalização seguiram uma proposta de Vivências Musicais concebidas pelo grupo de bolsistas através dos estudos e pesquisas em Educação Musical contemporânea. Desta forma, se concebeu uma proposta de musicalização com o objetivo de oferecer estímulos significativos e desenvolver habilidades musicais nos alunos, capaz de gerar a curiosidade e disponibilidade para aprender. Proposta que operou nos âmbitos do brincar e do lúdico no intuito de atrair os alunos para a vivência musical.

Esta prática de ensino que privilegia a Vivência Musical é tratada por Kater (2012), ao escrever sobre o porquê da música na escola, afirmando que a escola atual deve proporcionar:

Alternativas que ofereçam condições a crianças e jovens de tomarem contato prazeroso e efetivo com sua própria musicalidade, desenvolvê-la e vivenciá-la, mediante experiências criativas, a música em seu fazer humanamente integrador e transformador; o que significa desenvolverem seus potenciais, conhecerem-se melhor e qualificarem sua existência no mundo (KATER, 2012, p.42-43).

A seguir apresentamos os elementos centrais que contribuíram para as práticas e vivências musicais desenvolvidas com as crianças, relatando de que forma as propostas do coro foram aplicadas nas aulas de musicalização infantil. Assim, tomamos como base as atividades de musicalização desenvolvidas durante o ano de 2015 na EMEF Mozart Pinto, período em que aplicamos as propostas vivenciadas no Coral da UFC.

### **Da experiência coral a prática de musicalização infantil**

O canto coletivo, nas aulas de musicalização da EMEF Mozart Pinto, protagonizou o contato direto entre criança e música, e foi a partir da experiência no Coral da UFC que fomos capazes de levar esta vivência de forma consciente à sala de aula. Segundo Brito (2003, p.92) esta é uma experiência coletiva imprescindível para as aulas de musicalização infantil, principalmente com crianças das séries iniciais do ensino fundamental, pelo forte valor afetivo

e lúdico que a prática do canto pode proporcionar. A importância do cantar coletivo na sala de aula é exemplificada nas proposições de Brito (2003), em que declara:

Cantando coletivamente, aprendemos a ouvir a nós mesmos, ao outro e ao grupo como um todo. Dessa forma, desenvolvemos também aspectos da personalidade, como atenção, concentração, cooperação e espírito de coletividade (BRITO, 2003, p.93).

Nas aulas de musicalização a canção foi a *porta de entrada* para que todas as crianças fossem convidadas a entrar no universo musical, sentir a música, silenciar para ouvir ou cantar junto, se soubessem.

A música vocal foi executada expressivamente nas aulas, com gesto, movimento e ação corporal. Algumas canções tinham seu próprio gesto, que por imitação as crianças aprendiam. Em outras canções elas tinham que criar seus próprios gestos. E, com base na experiência no Coral da UFC, aplicamos esta prática nas aulas. No espetáculo “Gula”, esta prática permeou a interpretação das músicas. O coro explorou a teatralidade, a dança, a palhaçaria, e as cenas de cada música executada, que foi construída pela individualidade expressiva de cada cantor por meio da gestualidade, da caricatura corporal e movimentações cênicas. As autoras Schmeling e Teixeira (2010), no contexto do ensino de música, dissertam sobre a exploração das possibilidades músico-vocais por meio do corpo e declaram que:

Vivenciar o canto por meio do corpo – através de gestos, de encenações, da dança – é fundamental para a percepção do que acontece com nossa voz, com a música, com o gênero musical proposto. Cantar com o corpo leva a uma interpretação músico-vocal, em geral, mais descontraída, podendo auxiliar na expressividade do canto (SCHMELING; TEXEIRA, 2010, p.86).

No grupo coral, as danças características do samba e do baião foram vivenciadas na construção do espetáculo. As músicas que traziam esses ritmos e suas variações foram sempre interpretadas com dança. Uma das músicas interpretadas, com o passo de dança do xaxado, foi *Feira de Mangaio*<sup>4</sup> de Sivuca.

---

4 Música de Sivuca e Glorinha Gadelha que compõe o LP de Álbum solo de 1980, gravado pela gravadora Cabelo de Milho Copacabana discos. Foi reinterpretada por Clara Nunes no LP “Esperança”, de 1979 gravado pela gravadora Odeon. A música foi arranjada para o Coral da UFC pelo regente Erwin Schrader.

FIGURA 2 – Espetáculo “Gula” em Feira de Mangaio



Fonte: Luiz Alves

Servindo-nos dessa experiência com a música *Feira de Mangaio*, trabalhamos nas aulas de musicalização o passo de dança do xaxado, em que o pé direito faz o movimento para frente e para trás e o esquerdo marca a pulsação da música. Mas outras músicas-vocais com o corpo puderam ser vivenciadas nas aulas, como a ciranda e o maracatu, dentre outros ritmos, em que as crianças se expressaram musicalmente com a voz e corpo. Assim, Schmeling e Teixeira (2010) afirmam que:

O movimento da dança auxilia ainda na expressividade do canto, uma vez que a interação com o grupo, por meio da brincadeira proporcionada pela dança, ajuda a descontrair e a cantar de forma mais relaxada, criando-se também uma “imagem” da música (SCHMELING; TEXEIRA, 2010, p.85).

Além da vivência musical com a música regional, exploramos nas aulas de musicalização as possibilidades expressivas da voz através de brincadeiras com palavras. A *Feira de Mangaio* retratada nos versos da música, foi a ponte para tratarmos sobre as sonoridades vocais existentes em uma feira. No intuito de explorar as “possibilidades de construção músico-vocal” (SCHMELING; TEXEIRA, 2010, p.76) as crianças brincaram com os parâmetros sonoros (agudo/grave, forte/fraco, rápido/devagar, longo/curto), em que através de um exercício de criação, memória, improvisação exploraram a sonoridade das comidas, como frutas e verduras,

através do ritmo, da melodia, dos diversos timbres e formas de emissão vocal que emanam do contexto da feira.

Esta foi uma prática vivenciada no Coral da UFC, especialmente na construção do espetáculo “Gula”. Nos ensaios musicais e cênicos o grupo foi sempre estimulado a explorar as possibilidades expressivas da voz. Em cena, o coro explorou a sonoridade dos nomes de comidas brasileiras nas passagens de uma cena-musical para outra, bem como na música *Vatapá*<sup>5</sup> de Dorival Caymmi. Em determinado momento da música, enquanto alguns coralistas cantavam, outros falavam os nomes de comidas, como se estivessem em uma feira livre. Essa prática do coro, a qual foi aplicada nas aulas de musicalização, é explicitada na afirmação das autoras Schmeling e Teixeira (2010):

Interpretar personagens, criar situações ou imagens facilita a busca e a exploração de diferentes timbres e colocações vocais. Por meio dessas atividades, a percepção entre as possibilidades da voz falada e cantada torna-se mais aguçada e de execução mais consciente (SCHMELING; TEXEIRA, 2010, p.79).

Ao incorporar na performance musical outras vertentes artísticas e explorar musicalmente sonoridades de palavras provenientes do universo da gastronomia nacional, o espetáculo “Gula”, através da valorização da cultura musical brasileira numa perspectiva singular, nos proporcionou a possibilidade de levarmos para a nossa prática de ensino de musicalização o que fora vivenciado de forma musicalmente expressiva, a “música do corpo” (EYMESS, 2016, p.83), como a regente e professora Izaíra Silvino costumava denominar.

Na construção do espetáculo “Gula”, vivenciamos a produção de uma *batucada* com ritmo de samba, utilizando materiais de cozinha como instrumentos musicais. A vivência rítmica dos ritmos do samba e do baião no espetáculo “Gula” sempre estavam presentes nos ensaios cênicos e musicais do coro, seja corporalmente, vocalmente, ou com os instrumentos musicais alternativos. Para que o grupo aprendesse os ritmos, palavras foram integradas às frases rítmicas. De princípio, o coro vivenciou o ritmo através da fala. Após, cada grupo de instrumentos musicais de cozinha aprendeu o seu ritmo tocando sua frase rítmica e cantando com palavras, até formar um ritmo do samba.

---

5 Música que compõe o LP “Eu vou pra Maracangalha” de 1957 gravado pela gravadora Odeon. O Coral da UFC utilizou o arranjo do maestro Marcos Leite para o espetáculo “Gula”.

Trazendo essa experiência para a sala de aula, utilizamos a *bandinha rítmica* que a escola possui para a vivência rítmica do samba, bem como instrumentos musicais alternativos. Mesmo a *bandinha rítmica* não possuindo todos os instrumentos característicos do samba, outros instrumentos foram utilizados para a prática instrumental. De início, apresentamos os instrumentos característicos do samba. Em seguida, dividimos a turma em grupos. E a partir do que foi vivenciado na *batucada*, propomos a vivência rítmica por meio da fala. Segundo Penna (2008):

A fala é um meio, um recurso para a educação musical, o trabalho pedagógico deve levar à aquisição dos conceitos musicais, delineados para o aluno de uma maneira geral, para que possam ser aplicados à música que ouve em seu ambiente, servindo como base para a sua compreensão crítica (PENNA, 2008, p.226).

Neste sentido, buscamos por meio da fala oportunizar a vivência rítmica musical para as crianças. As frases que utilizamos tinham relação com o que estava sendo executado na aula ou do cotidiano das crianças. Segundo Penna:

A palavra permite trazer, com certa facilidade, elementos do cotidiano para serem reelaborados dentro da prática de educação musical, na perspectiva de uma reapropriação ativa ou em uma proposta mais direta de reflexão e de crítica (PENNA, 2008, p.229).

Os ritmos de cada grupo de instrumento utilizados na construção da *batucada* de samba do coro foram simplificados para melhor assimilação do professor bolsista e dos alunos. Após, assimilação rítmica, por meio da fala, pelos grupos de instrumentos, estimulamos que cada grupo executasse no seu próprio corpo, e em seguida no instrumento, o mesmo ritmo da frase rítmica falada.

FIGURA 3 – Frases rítmicas do samba

**Samba**

The figure shows three staves of musical notation for percussion instruments in 2/4 time. The first staff is for 'Percussão 1' (Agogô) with the lyrics 'Vou pro sam ba' and 'cu vou pro sam ba'. The second staff is for 'Percussão 2' (Surdo) with the lyrics 'bar sam bei sam' and 'bar sam bei sam'. The third staff is for 'Percussão 3' (Caixa) with the lyrics 'tar vai te ca' and 'tar vai te ca'. Each staff shows a rhythmic pattern of notes and rests corresponding to the lyrics.

Instrument	Lyrics
Percussão 1 (Agogô)	Vou pro sam ba / cu vou pro sam ba
Percussão 2 (Surdo)	bar sam bei sam / bar sam bei sam
Percussão 3 (Caixa)	tar vai te ca / tar vai te ca

Fonte: arquivo pessoal

## **Considerações Finais**

No coro da Universidade Federal do Ceará, como educando (cantor/instrumentista), vivenciamos o processo de prática coletiva, em que descobrimos novas possibilidades musicais. Presenciamos o ensino de música para adultos, a maioria dos quais jamais participou de uma prática musical em grupo, e que pelo contexto do coro teve sua expressividade musical ampliada. Por intermédio dessa prática músico-vocal coletiva foi possível explorar a musicalidade, expressividade e corporeidade dos coralistas e dos alunos da escola em que aplicamos a metodologia. Desta forma, aprendemos e nos apropriamos destes saberes e fazeres adaptando-os ao contexto da sala de aula, no intuito de proporcionar o contanto entre a música (vocal e instrumental) e a criança, por intermédio da vivência, da percepção, da criação e da interpretação da música. Com isso, nesse exercício de transpor o que aprendemos para o que ensinamos, refletimos pedagogicamente sobre a prática coral, procurando traçar novos caminhos para a musicalização infantil na escola.

Por meio do *princípio de construção coletiva*, o Coral da UFC proporcionou aos seus integrantes vivenciarem a prática artística coletiva na construção do “espetáculo Gula”, capacitando-os a multiplicarem esta vivência de prática coletiva em aulas de musicalização, aulas de educação artística e coros infantis e/ou adultos, mesmo que em modos e condições diferentes. Deste modo, percebemos na atividade coral alternativas para uma prática de musicalização que privilegie a vivência cênico-musical, e incorpore um espaço de formação que aproxime os âmbitos musical e humano do educador e dos seus alunos.

## Referências

BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

EYMESS, Anna Henrike. *A música do coro/corpo brasileiro: uma etnografia do espetáculo* Abraços. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

KATER, Carlos. "Por que Música na Escola?" Algumas reflexões. In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sergio; TERAHATA, Adriana M. (Org.). *A música na escola*. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 42-44. Disponível em: [http://www.amusicaescola.com.br/pdf/AMUSICANA\\_ESCOLA.pdf](http://www.amusicaescola.com.br/pdf/AMUSICANA_ESCOLA.pdf). Acesso em: 20 jul. 2016.

PENNA, Maura. A fala como recurso na educação musical: possibilidades e relações. In: *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 195-216.

SCHMELING, Agnes; TEIXEIRA, Lúcia. Explorando possibilidades vocais: da fala ao canto. *Música na educação básica*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p.74-87, 2010.